

## O PAPEL DA MEMÓRIA NAS NARRATIVAS DE VIDA E RESSIGNIFICAÇÃO DE SENTIDOS

### MEMORY'S ROLE IN LIFE NARRATIVES AND REFRAMING OF SENSES

### EL PAPEL DE LA MEMORIA EN LAS NARRATIVAS DE VIDA Y SIGNIFICADO DE LOS SIGNIFICADOS

Recebido em: 10/12/2020

Aceito em: 03/02/2023

Graciane de Oliveira<sup>1</sup> 

Raquel Alvarenga Sena Venera<sup>2</sup> 

**Resumo:** Este artigo é parte de uma pesquisa de dissertação intitulada “Narrativas femininas: uma grafia da violência” que tem como objetivo analisar o papel da reflexividade sobre as memórias na construção das subjetividades femininas em narrativas de mulheres vulneráveis por violência doméstica. Diante dos desafios de compreender a complexa trama entre narrativas e memórias busca-se nesse artigo definir um entendimento acerca das narrativas e destacar o papel da memória no processo de narrar-se. Do entendimento de narrativa em Ricoeur (2007), busca-se aprofundar a discussão em Delory-Momberger (2014) e Josso (2010) estendendo a categoria memória em Ricoeur (2011) e Halbwachs (2004). Defende-se a memória como uma categoria factível em pesquisas dessa natureza, uma aposta que funcione como uma chave de compreensão por onde as ressignificações podem ser aparentes nas narrativas.

**Palavras-chave:** Narrativas; Memória; Experiência.

**Abstract:** This article is part of a dissertation research entitled “Female narratives: a spelling of violence” that aims to analyze the role of reflexivity on memories in the construction of female subjectivities in narratives of women vulnerable to domestic violence. Faced with the challenges of understanding the complex network between narratives and memories, this article seeks to define an understanding of narratives and highlight the role of memory in the process of narrating itself. From the understanding of narrative in Ricoeur (2007), we seek to deepen the discussion in Delory-Momberger (2014) and Josso (2010) extending the memory category in Ricoeur (2011) and Halbwachs (2004). Memory is defended as a feasible category in research of this nature, a bet that works as a key to understanding where the resignifications may be apparent in the narratives.

**Keywords:** Narratives; Memory; Experience

**Resumen:** Este artículo es parte de una tesis de investigación titulada “Narrativas femeninas: una ortografía de la violencia” que tiene como objetivo analizar el papel de la reflexividad sobre la memoria en la construcción de subjetividades femeninas en narrativas de mujeres vulnerables a la violencia doméstica. Ante los desafíos de comprender la compleja red entre narrativas y recuerdos, este artículo busca definir una comprensión de las narrativas y resaltar el papel de la memoria en el proceso de narración en sí. Desde la comprensión de la narrativa en Ricoeur (2007), buscamos profundizar la discusión en Delory-Momberger (2014) y Josso (2010) ampliando la categoría de memoria en Ricoeur (2011) y Halbwachs (2004). La memoria se defiende como una categoría factible en investigaciones de esta naturaleza, una apuesta que funciona como clave para entender dónde pueden aparecer resignificaciones en las narrativas.

**Palabras llave:** Narrativas; Memoria; Experiencia.

<sup>1</sup> Mestranda em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville, Univille/SC. Financiamento: Fundo de Apoio a Pesquisa, FAP Univille. E-mail: psicologagraciane@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora. Universidade da Região de Joinville, Univille/SC. Fundo de Apoio a Pesquisa, FAP Univille. E-mail: raquelsenavenera@gmail.com

## INTRODUÇÃO

“[...]narrar já é “refletir sobre” os acontecimentos narrados” (RICOEUR, 2019, p. 103)

O presente artigo toma como ponto de partida a afirmação da epígrafe em que a reflexão é implícita ao ato de narrar. Ele é parte de uma pesquisa de dissertação em andamento intitulada “Narrativas femininas: uma grafia da violência” que tem como objetivo analisar o papel da reflexividade sobre as memórias na construção das subjetividades femininas em narrativas de mulheres vulneráveis por violência doméstica. Trata-se de uma investigação que propõe refinar o diálogo entre os conceitos de reflexividades, aprendizagem auto formativa e cuidado de si, junto a um grupo de mulheres vulneráveis por violência doméstica. Essas mulheres registraram queixas na Delegacia da Mulher da cidade de São Bento do Sul, e são assistidas pela Rede Catarina – projeto da Polícia Militar do estado de Santa Catarina. Romperam o silêncio que, na maioria dos casos rodeia as violências dessa natureza, e já estão em alguma medida sob um tipo de proteção. Nessa nova condição, ou seja, não estão mais dividindo a vida com seus agressores, externam desejos de ressignificar o trauma vivido. A pesquisa em questão atua nesse contexto de pré-disposição para reconstrução de uma vida.

A aposta na narrativa se justifica no aspecto epistemológico por entendê-la como potência humana de organização da memória em um tempo retrospectivo ao trauma e, portanto, reflexivo. Como sugere a epígrafe, a oportunidade de narrar o acontecido já pressupõe a reflexividade sobre ele. E, por isso, ao mesmo tempo essa aposta também é política porque nela reside aspectos reveladores da compreensão de si e de possibilidades de empoderamentos. Vale elucidar que se trata de um investimento na pesquisa-formação, no campo da pesquisa (auto)biográfica. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 4) ensina que as pesquisas (auto)biográficas compreendem as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida. As fontes (auto)biográficas, constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memórias, entrevistas, escritas escolares e videográficas, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas.

Especificamente, a pesquisa-formação postulada por MARIE-CHRISTINE JOSSO (2010) e DELORY-MOMBERGER (2006; 2014), se trata de oportunidades narrativas ou uma experiência a ser elaborada para quem delas participam, ou seja, as mulheres participantes da

pesquisa, não são apenas detentoras de um dado o qual a investigação se interessa, antes, são coautoras na elaboração de uma compreensão sobre si mesmas e, ao mesmo tempo, estão em autoformação uma vez que o espaço da pesquisa abre as possibilidades reflexivas de ressignificações. A palavra experiência em seu sentido lato, justifica a formação junto a pesquisa, aquilo pelo qual se relaciona externo a si, mas se torna parte de si mesmo na medida em que, ao ser refletida, marca o corpo e a memória. Narrar sobre histórias de vida, é trazer à tona memórias de uma vida recheada de eventos. Vida esta que tem um sentido, mas que a partir do momento narrado pode ter ressignificações.

A narrativa de vida permite dar à noção de definição da situação a densidade e a significação histórica que lhe faltam quando é reduzida ao enunciado da situação do sujeito. Ela permite refazer, com a história do sujeito, a das instituições, no sentido amplo, com as quais sua vida está envolvida. Mas também transformações, desequilíbrios, rupturas que, atingindo essas instituições, repercutiram na vida do sujeito. A narrativa de vida permite captar indissociavelmente, na perspectiva de um passado recomposto, o sujeito individual e o ser social:

Falar é dizer sua inserção social, cultural, profissional; é dar mostras de gostos, de opiniões, de juízos que se referem a convenções e a códigos recebidos em tal meio ou em tal grupo; é enunciar maneiras de agir que remetem a atitudes morais ou ideológicas (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 261).

No contexto dessa interação, a narrativa produz um objeto que é ao mesmo tempo um ato pelo qual seu autor age sobre si mesmo e sobre os outros, na medida em que a relação que ele faz da sua vida o constitui identitariamente para si mesmo e para os outros, ou mais exatamente, como num jogo de reflexos de espelhos, para si mesmo através do olhar dos outros. É nessa dinâmica que as vozes de protagonistas anônimas da história das mulheres, representam a memória de um tempo. Trata-se de vozes que irrompem silêncios e tornam conhecidas as facetas e os espaços recônditos obscurecidos por relações de poderes historicamente marcados pela violência. Guardadas em trechos diversos, as narrativas, apoiadas na memória, são tecidas diariamente para o grande *continuum* da transmissão oral. Trazer as narrativas de violência pela fala das mulheres, deixa exposto suas grafias, suas visões de mundo, suas crenças e suas forças representativas, no valor sociocultural que evidenciam um *ethos* cultural previamente constituído.

O desafio dessa investigação revela a complexa trama da memória na narrativa e esse é o ponto fulcral desse artigo. Vale destacar que a proposta do artigo não é analisar as narrativas

da pesquisa, mas defender a categoria memória como ferramenta imbricada nas narrativas. O ato de narrar, pode ser considerado como potência, no sentido de evocar memórias e reflexões organizadoras acerca de uma experiência de vida, como perdas, traumas, abandono, dentre outros. Falar de memória é falar de identidade e de temporalidade, passado, presente que faz pensar num futuro possível, passivo de vir a ser transformado.

CANDAU (2011, p. 59) incita que os homens morrem porque não são capazes de juntar o começo ao fim. Somente *mnemosyne*, divindade da memória, permite unir aquilo que fomos, ao que somos, com aquilo que seremos. Memória que permite ao homem saber, ao mesmo tempo, o que ele foi e o que será. Ou seja, esse artigo aposta na memória como categoria na narrativa, reveladora da compreensão das mulheres acerca dessa identidade no tempo, um antes, um depois, um durante refletido retrospectivamente.

BOSI (2003, p. 55) conta que narrar a vida, é dela se apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que revivê-los. A história narrada, não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. Trata-se, portanto, de ampliar a possibilidade de inventar novos modos de ser no mundo, a partir do vivido e do encontro com o outro; de incorporar o vivido, o passado que se faz presente. É importante também destacar que importa entrar em contato, por meio da escuta da história narrada, com a dimensão subjetiva, pois ela carrega elementos importantes: a maneira como os sujeitos, inseridos numa sociedade são e foram marcados pelo regime de verdade de cada época.

Neste sentido, e com os conceitos já expostos, este artigo pretende problematizar a seguinte indagação: “em que medida a reflexividade de uma memória partilhada, sobre uma experiência narrada pode provocar mudanças na significação de sentidos?” O interesse por este problema é fruto de um fragmento da dissertação de mestrado em andamento, que escutou as vozes de mulheres que sofreram violência doméstica por parte de seus companheiros e que narraram suas experiências em ambiente coletivo e compartilhado de Ateliê Biográfico, com o aporte da metodologia pesquisa-formação, e puderam refletir sobre suas vidas. Com isso, a aposta da pesquisa em questão foi analisar a reflexividade no ato de narrar e o compartilhar de suas histórias de vida. Não o teor das narrativas, mas o significado atribuído à violência, a partir da reflexividade de memórias feitas.

Para tanto, este artigo está organizado da seguinte forma; em um primeiro momento se discute o entendimento acerca das narrativas a partir especialmente de (DELORY-MOMBERGER 2006;2014) e (JOSSO, 2010). Em um segundo momento, defende-se a memória como categoria engendrada na narrativa, reveladora das ressignificações de

identidades no tempo em (BOSI 1957; 2003), (RICOEUR2007) e (HALBWACHS 2004). Nas reflexões finais o destaque foi a síntese do caminho percorrido do evocar memórias na direção de reflexividades e aprendizagens, na formação de novos sentidos.

## **A NARRATIVA COMO POTENCIAL PARA REFLEXÕES E APRENDIZAGENS**

A linguagem faz parte da existência humana desde os primeiros registros, onde desenhos eram pintados no interior das cavernas para expressar um princípio de comunicação. Há uma visível necessidade no ser humano de se comunicar, de narrar-se e de narrar àquilo que o rodeia, além disso, pode-se pensar, ainda nessa direção, que até mesmo os objetos tornam-se narrativas no contato com o humano, pois recebem nomes, histórico de origem, marcas e também classificações.

É perceptível no ser humano a sua capacidade de significação através da linguagem, nota-se isso também por sua capacidade de escritas, como cartas, diários, e neste sentido, percebemos que muitas coisas que dão conhecimento ao humano estão registradas na página dos livros. Estão lá também histórias, que levam além do conhecimento à imaginação e à capacidade criativa, são textos ficcionais ou descritores de realidades, capazes de discutir questões pertinentes à humanidade. Em meio a estas narrativas escritas encontram-se as biografias, escritos estes, que se propõe a contar a história de um indivíduo, que tenha papel marcante na história. Dessa forma, podemos seguir na direção de que estudar narrativas é compreender o sentido da vida. Porque elas permeiam toda a nossa existência. Estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala. (TOMAZI, 2016, p.86).

BENJAMIN (1987, p. 205), em sua obra “O narrador”, aponta que a narrativa floresceu muito tempo num meio artesão, é ela, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica. Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem viveu, seja na qualidade de quem as relata.

DELORY-MOMBERGER(2006), assinala que a narrativa realiza, sobre o material indefinido do vivido, um trabalho de homogeneização, ordenação, de funcionalidade

significante; reúne, organiza e trata de modo temático os acontecimentos da existência, dá sentido a um vivido multiforme, heterogêneo:

É a narrativa que constrói entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, relações de causa, de meio, de fim; que polariza as linhas de nossos argumentos entre um começo e um fim e os atrai para sua conclusão; que transforma a relação de sucessão dos acontecimentos nos encadeamentos acabados; que compõe uma totalidade significativa em que cada acontecimento encontra seu lugar de acordo com sua contribuição à realização da história contada. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida, é ela enfim que dá uma história à nossa vida: nós não fazemos a narrativa de nossa vida porque nós temos uma história; nós temos uma história porque nós fazemos a narrativa de nossa vida (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.363).

Ao falar em narrativas, insere-se no campo da linguagem, que é considerada pela Psicanálise, a inserção do sujeito na cultura, na sociedade que lhe cerca. (TOMAZI 2016 p. 87) argumenta que “a linguagem é um meio pelo qual o homem se relaciona com o mundo, expressa-se no mesmo e significa aquilo que existe”. A narrativa passa então a ser vista pelas ciências sociais como esse elo entre o homem e o mundo e em meio ao anseio de entender o homem, a expressão através da linguagem torna-se meio de interpretar o humano. Cresceu nas últimas décadas a consciência que a linguagem é mediadora entre homem e mundo, mediadora das nossas experiências, do nosso conhecimento sobre a realidade, das representações que construímos, das sucessivas apresentações discursivas que fazemos dos fenômenos materiais e sociais. Ficou mais claro que a linguagem é o veículo de instituição e constituição do mundo humano, e a narrativa é a expressão humana que entretece os significados em configurações coerentes. O retorno da narrativa se dá, portanto, no interior desse novo paradigma hermenêutico-interpretativo.

Na abordagem psicanalítica, narrar os fatos, abre caminhos para conteúdos inconscientes emergirem, através da técnica da associação livre, postulada por Freud, que tem o intuito de trazer à tona palavras soltas e inscrevê-las em uma representação da palavra, em um significado. Como sujeitos inscritos numa linguagem, é por meio dela que expressamos nossas dores, desamparos e angústias. Neste sentido (LEITÃO; MENDES, 2018, p.398) preconizam que somente as experiências posteriores, podem fazer com que as passadas ganhem sentido, ganhem significados. Além disso, é da forma como as experiências e as simbolizações se ligam, que a psicanálise se serve. “A escuta abre espaço para que apareçam significantes com novos significados”.

Essa operação de configuração é em primeiro lugar uma, operação discursiva: é a narrativa como gênero de discurso que a caracteriza, não somente o meio, mas o lugar; a história de vida tem um lugar na narrativa. O que dá forma ao vivido e as experiências dos homens são as narrativas que eles fazem. A narrativa não é, portanto, somente o sistema simbólico, no qual o *pôr em forma* da existência encontraria uma expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano *toma forma*, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida.

(MARIE-CHRISTINE JOSSO, 2007) em seu artigo intitulado “A Transformação de si a partir de histórias de vida” postula que:

Os lugares educativos, sejam eles orientados para uma perspectiva de desenvolvimento pessoal, cultural, de desenvolvimento de competências sociais ou ainda para uma formação profissional, acolhem pessoas cujas expectativas e motivações a respeito da formação referem-se tanto à problemáticas de posicionamento na sua vida cotidiana e na ação em nossas sociedades em plena mutação, como às questões e problemáticas ligadas à compreensão da natureza dessas próprias mutações. (p.414).

É por isso que todo projeto de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seus autores, ou seja, de quem narra, com a temática existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros). Um dispositivo de formação que, por pouco que seja, integre a reflexão sobre esse projeto, a partir por exemplo, de uma análise de histórias de vida dos aprendentes. Assim, a questão do sentido da formação, vista através do projeto pesquisa-formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de suas profissões, seja nas vivências questionadoras de suas próprias vidas.

(JOSSO 2007 p. 415), diz que o trabalho de pesquisa a partir da narração das próprias histórias de vida, ou melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, as continuidades e as rupturas, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com os contextos de vida. As subjetividades expressas são confrontadas à sua frequente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos de mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular:

A colocação em comum de questões preocupações e inquietações, explicitadas, graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as

pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de cada uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. (JOSSO, 2007, p. 415).

As situações educativas são, desse ponto de vista, um lugar e um tempo em que o sentido das situações e acontecimentos pessoais, sociais e profissionais podem ser tratados em diferentes registros, a fim de facilitar uma visão conjunta, de aumento da capacidade de intervenção pertinente da própria existência e de otimizar as transações entre os atores mobilizados pela situação do momento. Autores como Freud, Jung e seus sucessores, abordando a dinâmica afetiva da vida psíquica não-consciente, introduzem uma dimensão outra do humano, que oferece a compreensão das articulações dessa vida psíquica com o social e o cultural pelo viés de uma dinâmica do desejo organizador e orientador dos investimentos e engajamentos das individualidades, ou seja, de forma de intencionalidade do sujeito.

(JOSSO 2007 p.419) ainda acrescenta que as abordagens biográficas desenvolvidas em situações de aprendizagem formativa não têm como prioridade a construção de uma identidade, mas as modalidades e os objetivos dessas pesquisas enfocam de certa forma, a questão da identidade. Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existência humana, como um conjunto complexo de componentes. As projeções de si que tem alimentado os momentos de formação são reexaminadas por sua significação no presente e pela colocação em perspectiva do futuro:

Assim, a reflexão sobre os processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes investem ativamente em cada etapa de trabalho neles mesmos, bem como nas interações que o grupo oferece. Nós qualificamos este cenário de “pesquisa-formação” porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas, e situa-se num percurso de vida como um momento de questionamento retroativo e prospectivo sobre seus projetos de vida e sua demanda de formação atual. (JOSSO, 2007, p. 420-421).

Para (DELORY-MOMBERGER 2014, p. 316) a narrativa foi descrita muitas vezes como efeito de uma *reconfiguração*, obedecendo a um movimento de discordância-concordância, pelo qual o narrador recaptura, segundo processos associativos os espaços e os tempos esparsos e polimorfos de sua existência num espaço-tempo construído e unificado. Uma

fala que oral, ou escrita, é um ato *dirigido* a um (inter)locutor ou a um grupo de (inter)locutores. Entram aqui as noções de coprodução, de investimento segundo as quais a narrativa se constrói na relação de outrem: é feita por e com alguém. Apoiada no presente de sua enunciação, ao mesmo tempo meio e fim de uma interação, a narrativa de vida nunca é definitiva, ela se reconstrói a cada enunciação e reconstrói com ela o sentido da história que enuncia. A narrativa de vida é um momento no processo de produção de uma história de vida.

(DELORY-MOMBERGER 2006, p. 361) incita que a vida contada não é a vida vivida. A narrativa não entrega os “fatos”, mas as “palavras”. Essa constatação tão simples, e ao mesmo tempo tão difícil de se compreender, merece ser constantemente lembrada. Nenhuma prática de formação pode pretender reconstituir por si só o que seria o curso factual, o objetivo do vivido; o objeto sobre o qual trabalham as linhas de formação pelas histórias de vida, não é portanto, a vida, mas as construções narrativas que os participantes elaboram pela fala e pela escrita, quando são convidados a contar suas vidas. E não são os enredos o centro da investigação, mas a forma como as narrativas revelam a compreensão sobre a vida e o quanto elas abrem possibilidades de reflexividade sobre as experiências no tempo.

Um dos princípios fundadores das escritas de si, como prática de formação é a dimensão *autopoiética*, da reflexão autobiográfica. Ao narrar sua história a pessoa procura dar sentido às suas experiências, e nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se. A narrativa se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói, juntamente com ela, o sentido da história que anuncia. Nesse sentido, não é tanto a história de vida reconstruída que importa em si, mas sim o sentimento de congruência experimentado entre o presente e o passado. A impressão de conveniência que essa história toma no aqui e no agora de sua enunciação.

Assim sendo, o trabalho biográfico e autobiográfico situa-se no entrelaçamento de um destino sociologicamente, culturalmente e historicamente previsível, de uma memória personalizada desse destino potencial e de um imaginário sensível original capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpelar outras consciências ou ainda de convencer racionalmente.

## O PAPEL DA MEMÓRIA NO ATO DE NARRAR

A partir do diálogo entre (JOSSO, 2010) e (DELORY-MOMBERGER, 2006;2014), sobre a narrativa de vida e processos de aprendizagens formativas, se faz necessário averiguar fenômenos imbricados ao ato de narrar, e que possibilitam uma reflexão. Nesta linha sugere-se resgatar a questão que norteia este artigo aliada ao engendramento da memória neste universo

de transformação de si. Em se tratando da temática violência doméstica, o ato de narrar, pode ser então tão necessário, quanto vital para mulheres vulneráveis à esta situação, já que neste contexto, elas podem estar oprimidas e coagidas a uma narrativa, e muitas vezes não se percebem na tríade, violência-homem-mulher, no constructo de suas relações sociais ao longo da vida.

O olhar mais imediato sobre a narrativa e, portanto, aquém de sua essência e possibilidade, é aquele que a vê como a história resultante da sucessão de eventos e estado de coisas mediados por personagens numa perspectiva crono(lógica). De fato, é da natureza da narrativa essa complexa arte, competência e ou habilidade de sistematizar os fenômenos oferecidos pelo real numa composição discursiva marcada pelo encadeamento de fatos no tempo. Essa ideia importa por poder oferecer a reflexão estendida sobre o tema e que assim justifica o investimento no debate sobre a narrativa porque traz a questão do tempo na sua centralidade, oportunizando pensar. Na perspectiva de RICOEUR (2007), a competência narrativa como a instância que concede a experiência temporal uma dimensão humana.

Paul Ricoeur em seu livro *A Memória, a história e o esquecimento* (2007), faz uma discussão sobre o que se torna memória e, especificamente, de onde vem essa memória, se ela vai ser de um ou de muitos. Em relação à memória pessoal pode-se dizer que é aquela pertencente a um único indivíduo, memórias que foram salvas com base no que essa pessoa viveu até então e são "guardados" com tudo o que essa pessoa "sabe". Assim, de acordo com o que (RICOEUR, 2007) argumenta, quando se trata de memória pessoal é inevitável relacionar o pronome eu, porque quando alguém retorna às suas memórias estará diretamente lembrando-se de si, suas atitudes e sua imagem.

(RICOEUR, 2007, p. 133) parece ver a memória pessoal como fruto do coletivo, ou pelo menos com suas raízes no social. Ele argumenta que é no ato pessoal da recordação que foi inicialmente procurada e encontrada a marca do social. A memória coletiva, neste sentido é essencial para que o individual não se perca, sendo que o grupo proporcionará certa referência aos fatos. Conforme salienta:

Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem." (RICOEUR, 2007, p. 131).

Por essa razão, nas palavras de Ricoeur, considera-se que a narrativa nunca pode ser “apenas” narrativa, posto que alcança estados e proposições além das originais. Em primeiro lugar, por ser capaz de medir, ou de ser uma medida do próprio tempo – estabelecendo nexos de passado e presente – a narrativa produz uma vinculação inexorável entre a experiência de existir, organizada antes e depois do decurso das histórias que narra.

Nesses casos, a ato de narrar na perspectiva de histórias de vida de mulheres que sofreram violência doméstica, começa a ser delineado entre o arcabouço de materiais necessários na arte de viver e tecer. Do ponto de vista epistemológico e metodológico, os pressupostos teóricos que inspiram as tendências de formação pelas histórias de vida podem ser apresentados sob dois aspectos. O primeiro pelo estatuto da narrativa na experiência que o sujeito faz de si mesmo mediante a produção de sua história. O segundo da dimensão de projeto constitutivo da história de vida e do processo de formação.

O intento diálogo sobre as ressignificações por meio da narrativa compartilhada na metodologia pesquisa-formação, em uma reorganização do fato vivido e que foi capturado pela narrativa da violência, possibilitou evocar memórias num determinado tempo e espaço, e ao trabalhar com memória, é pertinente fazê-lo de forma consciente por uma captura do fato narrado, sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não. Neste sentido, trabalhar com narrativas é uma aposta na capacidade de recuperar memórias e de narrá-las desde os próprios atores sociais, rompendo com formas cristalizadas de investigação que valorizam mais o dado acabado e partindo para a intenção de capturar sentidos da vida social que não são facilmente detectáveis, buscando o sentido do tempo histórico e o sentido das histórias submetidas a muitos processos de construção, de reelaboração de identidades individuais, de grupos, de gênero, de classe em nosso contexto social.

Para (TOMAZI, 2016 p. 89), a relação da memória com a escrita já ocupou pesquisadores por todo o mundo. Desde a Grécia antiga a memória vinha sendo tratada com certa importância, visto que poderia servir a sociedade e sua história. Nesta relação entre os homens, a sociedade e a história é que se aproxima a memória e a biografia.

De acordo com (LE GOFF, 1994) na Grécia antiga foi instituído o *mnemon*, uma pessoa que guardava memórias por determinação da justiça. O que seria do homem sem a memória? Os gregos em seus mitos trazem questões bastante pertinentes aos dias atuais “Na mitologia e na lenda, o *mnemon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar para lhe lembrar uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte” (LE GOFF, 1994, p. 437).

Com o *mnemon* abriu-se o olhar para a memória como elemento de caráter coletivo, da coletividade surgiu a relação com a história, sendo que fatos relevantes à história da sociedade também podem estar presentes na memória. A memória é estudada em várias circunstâncias, como sua biologia e seu armazenamento, por exemplo, neste trabalho, entretanto, serão estudadas memória coletiva e individual, principalmente das perspectivas hermenêutica e histórica.

A ligação entre a sociedade e memória tem a ver com uma espécie de organização sensorial, a perda da memória existente, ou até mesmo de parte dela ocasionaria algum transtorno. Ao mesmo tempo em que nossa percepção atual e, por assim dizer, instantânea efetua essa divisão da matéria em objetos independentes, nossa memória solidifica em qualidades sensíveis o escoamento contínuo das coisas. A memória é mais do que apenas recuperação de fatos, informações e circunstâncias no tempo, mas sim de uma organização que é feita no presente do que é passado. Esta organização pode feita tanto pela memória coletiva quanto pela individual, ambas com contribuições distintas. Sobre estas memórias Halbwachs (2004) discute a possibilidade da existência de uma memória que seja unicamente individual afirmando que o homem não está em momento algum totalmente só.

No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de pessoas, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali se ocupa, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que se mantem com outros meios. Não é de admirar que do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando se tenta explicar essa diversidade, se volta sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Ao fazer ecoar os pensamentos, a narrativa demanda a sistematização em voz do sujeito ao dizer a si e de si, produzindo a estruturação e a catarse curativa, em uma perspectiva psicanalítica, ou ainda, na perspectiva cultural e antropológica, narrar contribui para a problematização da noção de identidade e de alteridade, quando a narrativa diz respeito à expressão das coletividades e de suas práticas idiossincráticas.

Eclea Bosi (2003), em “O tempo Vivo da Memória” explorou o campo da experiência pessoal com os eventos do dia-a-dia registrados na lembrança. Não é a memória que se tranca

em si mesma, mas a que partilha seus conteúdos quando há um ouvido disponível e atento, que os define no próprio ato de contar. Ela se refere é a história de cada um, suas histórias individuais, construídas ao longo da vida, a partir do contato com o cotidiano relevante, que ganha uma dimensão social.

Neste sentido, chegamos no ponto do papel da narrativa, e entendemos que, pelo procedimento de formação pelas histórias de vida, a narrativa é uma preliminar. É o momento primeiro do processo de produção de uma história de vida, que só começa a partir do trabalho de reflexão (de retorno sobre si), e de análise feito sobre a narrativa.

Esse trabalho de retorno a si, se remete a uma leitura hermenêutica que visa marcar as linhas de força e os pontos de convergência segundo os quais a narrativa configura o vivido e as faz reconhecer as estruturas do mundo manifestado nos discursos. Compreender é: compreender-se frente ao discurso; compreender sua história; fazer o trabalho de compreensão que o texto pede, na medida em que ele ordena e sintetiza segundo as razões de uma lógica discursiva, um espaço individual de experiência histórica e social. Essa compreensão hermenêutica não é dada: ela demanda um distanciamento crítico e uma capacidade de “leitura” da qual o narrador, envolvido na narrativa, não dispõe voluntariamente.

A questão do sujeito está assim ligada à linguagem de modo constitutivo, na medida em que a linguagem é o espaço onde se fabrica, ao mesmo tempo, e indissociavelmente, uma história e o sujeito dessa história, inserido na própria história por meio da narrativa, podendo se tornar humano. Essa figura de um si-próprio que nós denominamos um *sujeito*, não é um dado, que podemos constatar a existência e vestir o *estado*, mas uma construção sempre em ato, dizendo de outro modo, um conjunto dinâmico de operações, um processo. O sujeito não cessa de se instituir como sujeito, ele é o objeto incessante de sua própria instituição. O *Eu* atualizado do discurso, é a forma primeira na qual se instituiu o sujeito: é o Eu que me inscreve ao mesmo tempo como *sujeito-narrador* e como *sujeito-ator* da história que eu conto sobre mim mesmo.

LEITÃO; MENDES (2018), apontam que a linguagem é determinante na constituição do sujeito, pois o sujeito é falado antes mesmo de seu nascimento, ocupando um lugar simbólico antes de vir ao mundo real. Dito de outro modo, pré-existe algum sujeito, enquanto elemento de uma linguagem, e advém um sujeito. O que em termos freudianos, significaria dizer que um aparelho psíquico é constituído na relação com outro aparelho psíquico. Nesse sentido, encontramos a estetização da experiência com o outro, e a experiência do gosto, e do gosto gerado na arte de contar e ouvir histórias, havendo ou não, assim, fidelidade com a referencialidade dos fatos. Sobretudo, deve sobressair na narrativa sua condição de oferecer

alguma experiência prazerosa gerada pela capacidade de quem narra e pela atenção de quem escuta uma história.

Este contar história por um narrador produz e significa, portanto, um rico e capilar fenômeno capaz de gerar interferências em diferentes estados de ânimo e em várias dimensões. Sua indissociabilidade da experiência vivida na relação com o tempo, bem como o fato de ser um impulso de vida inato do sujeito, explica que todas as épocas tenham seus narradores e suas narrativas ao longo da história.

A pesquisadora CHRISTINE DELORY-MOMBERGER descrita no livro “As histórias de vida. Da invenção de si ao projeto de formação” de 2014, descreve seu trabalho com narrativas de vida em torno de uma prática da história de vida inserida num protocolo auto formativo. O trabalho de produção da história de vida se articula sobre a definição de um projeto de formação. A metodologia tem por objetivo permitir ao autor da narrativa construir a história de sua vida, isto é, (re)conhecer-se no discurso que ele constrói. O processo de construção identitária é reforçado por modalidades de funcionamento controladas: produzidas em público segundo um protocolo estabelecido para o conjunto dos participantes, a narrativa torna-se o lugar de um trabalho reflexivo no qual as representações informadas pelo grupo desempenham um papel determinante. As narrativas de vida mostram o social sob suas múltiplas facetas, não como reflexos desencarnados de estruturas abstratas, mas como conjunto de experiências vividas. A metodologia insere a história de vida numa dinâmica prospectiva ligando as três dimensões da temporalidade (passado, presente e futuro) e visa fundamentar um futuro de sujeito e fazer emergir seu projeto pessoal.

O destaque da memória como ferramenta na experiência narrativa como formação de si, se deve pelo fato de que o investimento de organizar uma experiência no tempo para compartilhá-la com outros acaba por operar em um imaginário do que é, ou foi possível dizer sobre o conteúdo traumático. Com já mencionado no subtítulo anterior, o dispositivo parte da ideia de que a compreensão do seu processo de formação implica num processo de conhecimento ao longo do qual os participantes construirão seu relato com base numa série de etapas, alternando trabalho individual e trabalho grupal.

A reflexão sobre os processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes se investem em cada etapa do trabalho, por si próprios, bem como nas interações e transações que o grupo oferece, fazendo-se intermedia pela memória.

O problema da violência contra as mulheres é recorrente em diversas histórias de vida e marca subjetividades e memórias como experiências que nem sempre são compartilhadas e

ouvidas no dia-a-dia. A exposição de suas narrativas, no âmbito das reflexões compartilhadas, traz para o espaço público da ciência uma problemática tida como da esfera das relações amorosas e, portanto, de âmbito privado. A percepção da violência contra as mulheres pelas instâncias da esfera pública como um problema social, histórico, cultural e, político, é recente e deve seu percurso às longas e estratégicas formas de luta do movimento feminista e das mulheres. Ao sair da esfera privada, espaço socialmente vinculado às mulheres e ao feminino, o tema ganha força, também, enquanto objeto do conhecimento em suas mais diferentes áreas.

Para (MARIE-CHRISTINE JOSSO 2010) de forma resumida, o que está em jogo nesse conhecimento de si não é somente compreender como se forma e se transforma, ao longo de nossa vida, mediante um conjunto de momentos vividos transformados em experiências, mas, também, tomar consciência de que esse reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo, ou passivo, segundo as circunstâncias, permite visualizar um itinerário de vida, investimentos e objetivos, com base numa auto orientação possível, numa invenção de si, que articula mais conscientemente heranças, experiências formadoras, pertencas, valorizações, desejos e imaginário.

A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada pessoa, as emergências que dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Nesse sentido, não se esgota o conjunto das “experiências” que se evoca a propósito das vidas e suas existências. Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falar sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam as subjetividades e as identidades. (JOSSO, 2010).

Foi a partir destes pressupostos teóricos que se depositou as credenciais na potência da memória evocada na provocação de uma narrativa, e com isso, a possibilidade de oferecer uma contrapartida para as participantes da pesquisa: o direito de narrar e compartilhar seus mais valiosos tesouros – suas histórias de vidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, pôde-se perceber que é válido narrar e memorar, pois estes verbos reportam-se à ação de relatar, de trazer à tona memórias, de dar a conhecer; de tornar lembrado um acontecimento real ou imaginário. A narrativa, e os relatos autobiográficos, tem sido tomados como método investigativo em muitas áreas do conhecimento. Os relatos são narrativas que contam experiências pessoais vividas em determinados momentos anteriores à

sua enunciação e neste sentido reconhece-se, a importância do narrador, enquanto uma entidade de linguagem, que vai sendo construída por meio da sua própria voz, e através dela posiciona eventos marcados no tempo, inspirados por uma memória.

A partir das conceituações expostas neste artigo, foi possível verificar uma articulação existente entre memória, tempo e narrativa, como forma de expressão. Se ao longo do tempo, a filosofia e as ciências sociais indagam sobre suas peculiaridades e sentido para o homem, o estudo do referido tema requer um pensamento flexível e interdisciplinar, inclusive com desdobramentos do tema ainda maiores.

Parafraseando Bosi (1987, p.17), “lembrar é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, constatando que memória não é sonho, mas trabalho”. Assim a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, ao alcance de quem deles lembra, no conjunto de representações que povoam a consciência atual. Por mais nítida que seja uma lembrança de um fato vivido, ela não é a mesma imagem experimentada no passado de outro tempo. Neste sentido vale dizer que cada memória evocada no momento presente, passa a trazer uma nova experiência, um novo sentimento, e um novo sentido do fato narrado.

Ao narrar, a pessoa se depara com normas sociais que coloca em jogo o discurso que está sendo dito, parte de uma memória individual para uma memória coletiva, pois coloca em jogo também uma relação de processos cognitivos e sociais. Sendo assim, o ato de narrar é um lugar de reflexão sobre a memória e através da linguagem narrativa pode-se checar e reconstruir memórias próprias e alheias, o presente, o passado e a partir disso, criar expectativas para histórias futuras. E neste arcabouço de narrativas e memória, percebeu-se que o interesse de toda pessoa está no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida, pois o sujeito que lembra e que esquece tem um papel ativo no processo de memorar e reviver.

Na condução de todo o trabalho, concluiu-se que trabalhar com narrativas não é simplesmente recolher objetos ou condutas diferentes, em contextos narrativos diversos, mas sim, participar na elaboração de uma memória que se quer transmitir a partir da demanda de um investigador, que pode ser o *si mesmo*, ativado por um ato consciente de desejar este reviver.

Fragmentos como estes levam a entendimentos sobre o papel da memória na ressignificação do ato de narrar. Ainda, para corroborar este parágrafo, pode-se afirmar que cada memória individual é ponto de partida para memória coletiva, e que este ponto de partida muda conforme o lugar que ocupa-se, e este lugar muda segundo as relações mantidas com outros meios, e assim sucessivamente. Neste sentido, analisa-se o ser humano como um ser

social que recebe influência do coletivo e ao mesmo tempo o influencia, podendo evocar outras memórias e sentimentos, na trama do encontro de suas histórias. Temos assim, acesso a acontecimentos reconstruídos por um coletivo, e por um individual. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem.

Por fim, o tema deste artigo é uma construção que se exige pensar, numa perspectiva a resgatar um momento vivido, uma expressão de um tempo. Tempo este medido por uma sucessão de histórias, por meio de um enredo, que ao dar conotação de humanidade à experiências de vida, dirá no decorrer dos acontecimentos, que tipo de registros narrativos está se fazendo frente à relação com o vivido, e conhecer seus sentidos, tão pródigo e fecundos às memórias de cada um.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos**. São Paulo. T. A. Queiroz, 1987.

BOSI, Eclea. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014. 362 p.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Formação e Socialização**. Os ateliês biográficos de projeto. Tradução Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamilan. São Paulo, v.32, p. 359-371, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 197 p.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2 ed. Revista ampliada. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. 553 p.

LEITAO, Igor Brum, MENDES, Flávio Martins de Souza. **De que se trata ser Freudiano pela Psicanálise Lacaniana? Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise em Freud**. Estilos Clin. São Paulo, v.23, n.2. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v23n2/a11v23n2.pdf>. Acesso em 01 jul 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. Tradução de: Alain François [et al.].

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. A configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p.103.

TOMAZI, Julia. **Jornalismo e Literatura: o complexo papel da memória na narrativa biográfica La cuarta espada**. Revista Temática. Ano XII n.12. UFPB. Dezembro 2016.